



ECONOMIA CRIATIVA COMO ALTERNATIVA A REDUÇÃO DO EMPREGO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA EM TAUBATÉ/ SP¹

**Edson Trajano Vieira²
Monica Franchi Carniello³
Moacir José dos Santos⁴**

Resumo

O município de Taubaté apresenta forte especialização na indústria, sobretudo automobilística, que representou 44,91% da economia local em 2012, conforme dados de 2012 da Fundação Seade. Essa dependência setorial implica flutuações do emprego em momentos de retração da comercialização de veículos, como ocorreu após 2013. Entretanto, o município tem potencial para a expansão das atividades ligadas às cadeias de economia criativa, com a presença de expressiva diversidade cultural pertinente ao patrimônio material e imaterial. O objetivo do artigo é verificar o potencial das atividades ligadas a economia criativa como alternativa na geração de ocupações frente à retração do emprego nos setores produtivos tradicionais, como o da

Recebimento: 10/11/2017 • Aceite: 10/12/2017

¹ Agradecemos ao CNPq pelo apoio a pesquisa no Projeto Economia Criativa e Desenvolvimento no município de Taubaté - SP.

² Professor Doutor em História Econômica (USP), docente pesquisador do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, UNITAU, e do Centro Universitário Módulo, Caraguatatuba, e-mail: etrajanov@gmail.com

³ Professora Doutora em Comunicação (PUC/SP), docente pesquisadora do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, UNITAU, e-mail: monicafcarniello@gmail.com

⁴ Professor Doutor em História (UNESP), docente pesquisador do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, UNITAU, e do Centro Universitário Módulo, Caraguatatuba, e-mail: professormoacirsantos@gmail.com

indústria automobilística. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, de abordagem qualitativa, fundamentada em coleta de dados documental. Verificou-se a representatividade dos empregos e renda do setor da economia criativa no município e maior crescimento de empregos neste setor em relação aos empregos dos setores tradicionais. Conclui-se que a economia criativa representa para em Taubaté uma cadeia produtiva que contribui para a geração de emprego e renda e que pode ser potencializada como estratégia de desenvolvimento local.

Palavra Chave: Desenvolvimento local. Economia Criativa; Emprego; Taubaté.

CREATIVE ECONOMY AS AN ALTERNATIVE TO THE REDUCTION OF AUTOMOTIVE INDUSTRY EMPLOYMENT IN TAUBATÉ / SP

Abstract

The Taubaté city has a strong expertise in industry, especially the automobile industry, which accounted for 44.91% of the local economy in 2012, according to data from the Seade Foundation in 2012. This sectoral dependence implies fluctuations in employment in periods of retraction of the vehicles market, as occurred after 2013. However, the municipality has potential for expansion of activities linked to the chains of creative economy, with the presence of significant cultural diversity pertinent to the material and immaterial patrimony. The main objective of this article is to verify the potential of activities related to the creative economy as an alternative in the generation of labor occupations in the face of the retraction of employment in the traditional productive sectors, such as the automobile industry. The research is characterized as exploratory, with a qualitative approach, based on documentary data collection. The representativeness of the jobs and income of the creative economy sector in the municipality and greater employment growth in this sector were verified in relation to the jobs of the traditional sectors. It is concluded that the creative economy represents in Taubaté a productive chain that contributes to

the generation of employment and income and that can be potentialized as a local development strategy.

Keywords: Local development. Creative economy; Employment; Taubaté.

Introdução

No Brasil, a partir do Governo Juscelino Kubitschek - JK (1956-1960) se estabeleceu uma nova fase do capitalismo na qual o termo desenvolvimento passou a ser usado em substituição à palavra progresso, com uso frequente da expressão “desenvolvimento industrial”. O símbolo dessa fase da economia era a indústria automobilística, prioridade no planejamento estatal. No entanto, com a difusão da microeletrônica industrial e das novas organizações do trabalho, a partir da década de 1980, marcou-se o esgotamento do modelo de produção industrial fordista, caracterizado pelo emprego em massa nas linhas de produção, pela especialização de tarefas e pela estrutura administrativa burocratizada. Processo esse intensificado na década de 1990, com o aumento dos incentivos às inovações tecnológicas, à difusão da automação e à implementação de novos métodos de organização da produção e do trabalho, com a redução dos níveis hierárquicos e a importação de insumos industrializados (MATTOSO & POCHMANN, 1998). A justificativa de tais ações corresponde à necessidade de diferenciação comparativa no contexto econômico global.

O termo desenvolvimento, adotado paulatinamente a partir de meados do século XX, tem origem na biologia e permeia diversos campos do conhecimento humano. No meio econômico ele se confunde com o conceito de crescimento econômico, termo que trata da capacidade produtiva. Entre os economistas clássicos já estava presente a preocupação com uma análise mais integrada dos conceitos de crescimento e desenvolvimento e a consideração da qualidade de vida da população como fator de desenvolvimento, superando a perspectiva do mero crescimento econômico (DALLABRIDA, 2007). O crescimento econômico lida com questões quantificáveis e conta com diversos indicadores de mensuração, o que por vezes mascara os resultados sociais impactados com a concentração das riquezas geradas no sistema econômico.

A reestruturação industrial - desindustrialização - mencionada não é exclusividade brasileira, mas reduziu no país a participação da indústria na geração de emprego e renda e criou possibilidades para a expansão de outras atividades econômicas no setor de serviços. Como resultado deste processo, a atividade industrial reduz sua participação no PIB dos países industrializados e os investimentos em serviços e intangíveis crescem com predomínio progressivo deste setor.

Como exemplo do processo de desindustrialização, destaca-se a cidade de Detroit, nos Estados Unidos, conhecida como a capital

mundial do carro, que vivenciou a falência da indústria automotiva e seu impacto no território em 2013. A cidade busca recuperação a partir das atividades criativas, com o intuito de firmar-se como cidade do design. O início da indústria automobilística na cidade foi com Henry Ford, em 1896, aproveitando-se da pré-existência da indústria de carruagens e ferramentas. No auge de Detroit, na década de 1950, quando sua população atingiu o recorde de mais de um milhão e oitocentos mil habitantes, a cidade era sede das três maiores montadoras americanas: Ford, General Motors e Chrysler. Nos anos 1950 os EUA contribuíam com 80% da produção mundial de carros e Detroit foi responsável por grande parte dessa produção. No entanto, a concorrência com outros países e a crise do petróleo de 1973 contribuíram para que as montadoras instalassem suas filiais em países em desenvolvimento. A indústria automotiva em Detroit sufocou as outras indústrias e atividades, e para dar vazão à produção automotiva o transporte público foi sucateado. Há, com o declínio da produção automobilística, a dependência total do automóvel, tanto da sua produção, quanto de seu uso, o que fez de Detroit uma cidade obsoleta (VERGARA, 2014).

Para Florida (2005) a força de uma cidade está diretamente a sua dimensão criativa, por seu dinamismo cultural e artístico capaz de fazer frente ao declínio da produção e do emprego industrial. A criatividade torna-se agora o motor do desenvolvimento, substituindo o papel desempenhado pelo setor industrial. A atratividade e a formação endógena de pessoas com um nível elevado de competências criativas dependem do conjunto de fatores, tais quais, oportunidades de trabalho, dinâmica social e interação cultural.

O termo economia criativa define setores cuja origem está na criatividade, no conhecimento e no talento, individual e coletivo, características que possuem potencial para a criação de riqueza e empregos. (HOWKINS, 2001). A transformação de ideias em produtos e serviços possibilita uma maior conexão setorial, sobretudo com a expansão das atividades de serviços.

No município de Taubaté, após a década de 1970, a indústria automobilística passa a ter o papel determinante na geração de emprego e renda, fato esse que pode ter limitado o avanço de outras atividades econômicas, como as ligadas à economia criativa. No entanto, com crise estrutural do emprego industrial (desindustrialização) e a crise conjuntural da indústria automobilística, buscar alternativas é essencial para a retomada do desenvolvimento, por meio do aproveitamento do seu potencial nas áreas de cultura, turismo e gastronomia, por exemplo.

Taubaté é uma cidade com diversidade cultural, conhecida em âmbito nacional em razão da contribuição de personalidades como Monteiro Lobato para a literatura, Mazzaropi para o cinema, Mestre Justino para as artes visuais, Celly Campello, Renato Teixeira para a música popular, Hebe Camargo para a indústria do entretenimento. A cultura popular presente expressa diversidade relacionada ao enraizamento no Brasil colônia com a contribuição de imigrantes italianos (SANTOS, 2015). Tal cenário converge com a premissa proposta por Florida (2005) de que a força está em sua expressão cultural. Exposto o contexto, define-se como foco da pesquisa a problemática o debate sobre as atividades produtivas de Taubaté e as possibilidades de fomentar uma estratégia de desenvolvimento pautada nas premissas conceituais da economia criativa. Isto posto, o objetivo deste artigo é verificar o potencial das atividades ligadas a economia criativa como alternativa na geração de ocupações frente à retração do emprego nos setores produtivos tradicionais, como o da indústria automobilística.

Para tanto, foi apresentada a revisão bibliográfica destacando os conceitos e divisões dos segmentos da economia criativa e os desafios da geração de emprego com desindustrialização brasileira. Posteriormente é apresentado o método de pesquisa e, finalmente, os resultados a partir dos dados coletados junto ao SEADE, FIRJAN e NUPES seguidos da conclusão.

Economia criativa no contexto pós-industrial

A partir de uma análise estrutural, a desindustrialização, termo cada vez mais utilizado para a avaliação do cenário nacional correspondente a redução da participação da atividade industrial tradicional na geração de emprego e renda, provocou queda da participação do emprego industrial após a década de 1980 no Brasil, no conjunto da economia nacional (PAULANI, 2013). A ausência de uma política econômica industrial e a inserção precária da economia brasileira na divisão internacional do trabalho reduziu a participação da indústria brasileira no PIB nacional para patamares semelhantes aos da década de 1950.

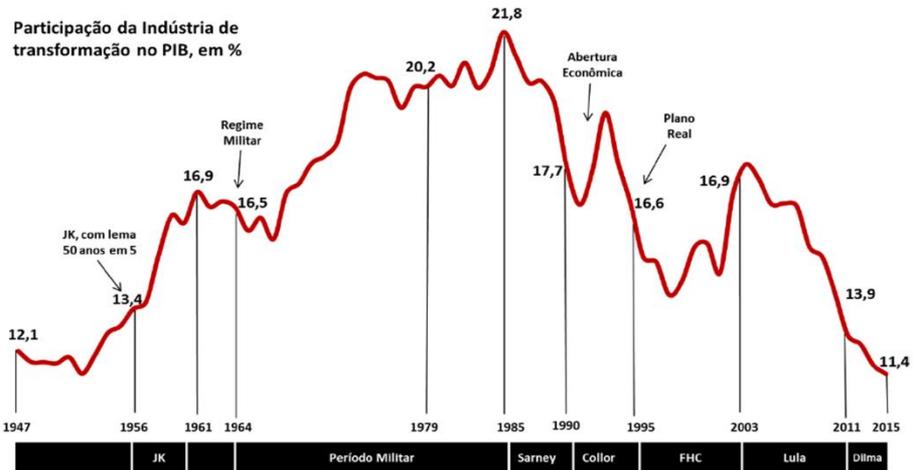
O Gráfico 1 apresenta o auge e crise do setor industrial no Brasil a partir dos vários episódios de política econômica e sucessivos governantes. Destaque para o auge da participação da produção industrial em 1985 e a primeira grande crise com a abertura econômica promovida pelo Governo Collor (1990-1992), seguidas pelas

reduções acentuadas nos Governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) e Dilma (2011-2016).

Gráfico 1: Evolução da Participação da indústria de Transformação Brasileira no PIB (1947 a 2015)

CRISE NA INDÚSTRIA

Participação do setor em 2015 é o mais baixo desde 1947



Fonte: FIESP (2015).

A inserção subordinada do Brasil na dinâmica internacional do trabalho e na globalização impõe ao país condições desvantajosas, e um dos efeitos é justamente a fragilidade contemporânea da indústria, agravada com ausência de uma política industrial consistente e uma política cambial favorável à importação nas últimas décadas (PAULANI, 2013).

Diante desse cenário de redução do emprego industrial e da insatisfação com o atual quadro socioeconômico mundial, atribui-se à criatividade o papel de motivar e embasar novos modelos de negócios, processos organizacionais e uma arquitetura institucional que galvaniza setores e agentes econômicos e sociais, especialmente para o enfrentamento das contradições do capitalismo e sua estrutura concentradora de recursos materiais e culturais na elite socioeconômica. Do ponto de vista econômico, a criatividade pertinente à economia criativa estimula a atuação de novos produtores (REIS, 2011).

A economia criativa nasce como proposta de atividades a partir da inovação e das ideias criativas, em um mundo de acesso virtual à

informação, e formas de produção de uma comunidade dedicada à criação de produtos e serviços personalizados, o que impacta diversas cadeias produtivas. São as indústrias criativas, conceito muito debatido na atualidade, que trabalham com aspectos que tangem o universo dos conteúdos simbólicos, endógenos de cada localidade, ou específicos de cada agente criativo, tais como criações musicais, artes visuais entre outras formas de expressão. Estabelece-se uma ligação entre a criatividade, cultura e tecnologias de informação, produção de conteúdo, softwares e atividades colaborativas em rede (SANTOS, 2015).

Para De Masi (2001), a sociedade tende para o aumento do tempo livre e para a execução de atividades intelectuais e criativas, com a superação do trabalho repetitivo da linha de montagem fordista, agora quase que inteiramente delegado às máquinas. Sob este prisma, a economia criativa é um conceito em crescente debate, uma vez que a sociedade da informação permitiu um novo horizonte no campo das relações sociais e econômicas e, conseqüentemente do desenvolvimento.

Para Reis (2011), a criatividade é uma faculdade essencial ao homem em toda sua história e parece ter origens em sua interação com o meio ambiente, o que lhe permitiu capacidade de adaptação e melhorias na qualidade de vida no sentido de dar solução às suas necessidades mais básicas. Desse ponto de vista, a criatividade pode ter sido o primeiro indutor de desenvolvimento, seja ele humano ou local, uma vez que o homem estabelece uma relação espacial imediata à sua existência, geradora de hábitos e costumes ao que podemos chamar de cultura. A partir daí, a cultura pode ser encarada como a trama de sentidos e símbolos que permite a comunicação e a coesão entre determinados grupos na construção de uma coesão social, localizada histórica e socialmente, inserida nas relações de classe presentes em cada sociedade.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir

expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, p. 4, 1989).

A economia criativa pode contribuir para efetivar a inserção econômica produtiva no mercado de trabalho, desvinculando-a da competição predatória. A economia criativa pode ampliar a geração de trabalho e renda com apoio e fomento aos empreendimentos de micro e pequeno porte de cunho criativo, com o intuito de se tornar um eixo estratégico para as políticas públicas de desenvolvimento. Tal possibilidade adquiriu relevância institucional e política em 1º de junho de 2012, quando foi criada pelo Decreto 7743 a Secretaria da Economia Criativa (SEC). Mesmo com a extinção desta Secretaria em 2015, a articulação de políticas ligadas aos segmentos criativos passou a ser alternativa à crise do emprego, sobretudo nas políticas de desenvolvimento regional. O reconhecimento da economia criativa como vetor de inclusão produtiva demonstra a pertinência de se efetivar formas de produção integradas ao mercado, mas alternativas as formas convencionais de inovação dos processos produtivos, privilegiando os fatores culturais, artísticos e sociais endógenos (VIEIRA, SANTOS, CARNIELLO, 2016).

Entretanto, a economia criativa compõe parte da complexidade da dinâmica econômica. Seu desenvolvimento pode ser percebido como conjunto de possibilidades de inclusão produtiva e geração de renda e emprego, pois é vinculada às mudanças da estrutura produtiva pertinentes ao avanço da automatização da produção industrial e conseqüente redução da oferta de emprego no setor. A menor oferta de trabalho no setor industrial impõe o desafio de alocar trabalhadores para outros setores, com a necessidade de considerar a necessidade de agregar valor ao conjunto da economia. Países em desenvolvimento enfrentam a redução do emprego industrial em razão da modernização produtiva e, no caso do Brasil, associada a inexistência de uma política industrial efetiva, o que exige políticas públicas aptas a conciliar, simultaneamente, o fortalecimento da inclusão produtiva, a geração de renda e a melhor distribuição do crescimento econômico e dos resultados da elevação da produtividade, tendo como referência a complexidade inerente a divisão internacional do trabalho e seus efeitos nas economias nacionais e regionais.

A forma como essas alterações devem impactar a divisão social do trabalho, especialmente quando comparada ao desafio da elevação e distribuição dos resultados da produtividade nos países em

desenvolvimento, está associada a contingências relacionadas às transformações estruturais que afetam o trabalho e a inserção social dos trabalhadores. A redução do emprego industrial implica a menor oferta de postos de trabalho tradicionalmente relacionados ao setor com oferta de salários mais elevados e com maior capacidade de sustentar a renda e a demanda. Neste sentido, a economia criativa representa um setor com potencial para absorver trabalhadores e contribuir para a sustentação da atividade econômica em um cenário associado à políticas públicas de fortalecimento da inclusão produtiva e da renda do trabalho.

Para a United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) (2013), as atividades da economia criativa encontram-se no cruzamento das artes, da cultura, dos negócios e da tecnologia, compreendendo o ciclo de criação, produção e distribuição de bens e serviços, que utilizam o capital intelectual como sua principal matéria-prima. Destacam-se setores como folclore, músicas, livros, pintura e artes performáticas até setores intensivos em tecnologia como cinema, televisão, animação digital, games ou campos mais orientados aos serviços como arquitetura e publicidade.

Como exemplo, em 1994 o governo australiano implantou uma política de planejamento baseado no mapeamento de diversas características do país equivalentes a vantagens comparativas, o que incluiu desde o meio ambiente até as diversas formas criativas de manifestações presentes nas formas de vida da população. Com o título de Nação Criativa, a estratégia resultante de uma parceria entre o setor público e privado esperava chamar a atenção do mundo para seus atrativos e o desenvolvimento econômico mediante o turismo e investimentos estrangeiros em empreendimentos sustentáveis. No fim da década de 1990 o governo britânico, inspirado pela iniciativa, também realizou um mapeamento detalhado do setor criativo (REIS, 2008). O resultado levou o governo britânico a remanejar suas políticas de desenvolvimento regional para tais atividades.

No Brasil, o relatório da Firjan (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro) produziu, a partir de relatório anterior da UNCTAD, um mapeamento das atividades de economia criativa aplicadas ao caso brasileiro. As atividades foram agrupadas em grandes categorias: Consumo (publicidade, arquitetura, design, moda); Cultura (expressões culturais, patrimônio e artes, música, artes cênicas); Mídia (editorial e audiovisual); e Tecnologia (P&D, Biotecnologia e TICs).

Quadro 1: Quatro grandes áreas criativas do Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil

Indústria Criativa - Núcleo			
Consumo	Cultura	Mídias	Tecnologia
Publicidade: atividades de publicidade e marketing, pesquisa de mercado e organização de eventos	Expressões Culturais: artesanato, folclore e gastronomia	Editorial: edição de livros, revistas, jornais e conteúdos digitais.	P&D: desenvolvimento experimental, pesquisa em geral, exceto biologia.
Arquitetura: design, projetos e edificações, paisagens e ambientes e planejamento e conservações.	Patrimônio e Artes: serviços culturais museologias, produção cultura e patrimônio histórico.	Audiovisual: desenvolvimento de conteúdo, distribuição, programação e transmissão.	Biotecnologia: bioengenharia, pesquisa e m biologia, atividades laboratoriais.
Design: design gráfico, multimídia e de móveis	Música: gravação edição e mixagem de som e criação e interpretação musical.		TIC: desenvolvimento de software, sistema, consultoria em TI e robótica.
Moda: desenho de roupas, acessórios, calçados e modelistas.	Artes Cênicas: atuação, produção e direção de espetacular teatrais e de dança.		

Fonte: Firjan, 2017.

Segundo Florida (2005), os aglomerados urbanos que apostarem na criatividade serão aqueles que assumirão uma maior relevância no contexto da economia do conhecimento. Dessa forma, há a possibilidade de se revitalizar espaços públicos e gerar ocupações como resultado de estratégias de desenvolvimento fundamentadas na economia criativa. No âmbito regional, a economia criativa pode funcionar como catalizadora de uma trama de atividades que se constitui de aspectos que as localidades têm em comum. Ela promove a interação e integração das localidades com o intercâmbio entre seus agentes, potencializando a promoção do desenvolvimento sob o prisma regional, e não apenas local. No âmbito de sua dinâmica de

sustentabilidade, atua com menor impacto ambiental e grande impacto sócio cultural, por predominantemente gerar valores a partir de bens intangíveis.

A criatividade não é uma matéria-prima escassa, ao contrário, quanto mais se usa, mais se estimula o seu desenvolvimento. Diante da reorganização das identidades com tendência a homogeneização global dos mercados, faz-se importante pensar toda e qualquer estratégia que trabalhe com o entendimento das realidades para a concepção de políticas que tratem da preservação do patrimônio material e imaterial e sua correspondente diversidade.

O desenvolvimento de um território está condicionado às ações conjuntas de transformações nas formas de produção e nas forças que condicionam o perfil da procura, que é definida em função da renda. A dificuldade é identificar as demandas e escala de valores universais para todas as sociedades, pois não é possível encontrar uma base universal que permita comparar dois conjuntos de bens materiais universais sem introduzir elementos subjetivos específicos de cada cultura. O desenvolvimento regional passa também por questões culturais e de valores de uma determinada região. Nas últimas décadas, a historiografia assistiu a um claro crescimento da rejeição à ideia de que a vida social e cultural seja direta e linearmente determinada pelas dimensões da economia e da vida material (VIEIRA e SANTOS, 2012). Tal perspectiva favorece a perspectiva da economia criativa como vetor de desenvolvimento.

Destaca-se o potencial de diversidade de manifestações da economia criativa, posto que a cultura local é definida por questões institucionais e sociais. Aquilo que pode ser considerado essencial para a melhora na qualidade de vida em uma determinada localidade, pode não ter valor algum em outra. No âmbito de uma política pública de desenvolvimento associado às atividades de economia criativa, espera-se o priorizar da inclusão produtiva e a ampliação do capital social com a participação dos agentes culturais locais, considerando as especificidades do potencial endógeno de cada território.

Método

A pesquisa caracteriza-se como exploratória quanto aos objetivos, de abordagem qualitativa. O estudo foi delineado com base documental, a partir de bases de dados estatísticos de acesso público Sistema Firjan, Núcleo de Pesquisas Econômicas e Sociais da Universidade de Taubaté (NUPES), Fundação Seade, Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e IBGE.

Para fundamentar a análise qualitativa do problema de pesquisa, foi feita uma seleção de indicadores referentes a emprego, renda e setores produtivos que permitiram caracterizar o município de Taubaté quanto às suas atividades e potencialidades produtivas.

Resultados e discussão

O município de Taubaté está localizado no médio Vale do Paraíba Paulista - VPP, a leste do Estado de São Paulo entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. É cortado pela Rodovia Presidente Dutra que atualmente é um dos maiores eixos de escoamento de produção do país (Figura 1).

Figura 1: Localização geográfica de Taubaté



Fonte: PRADO, VIEIRA, 2007.

A facilidade de ligação com grandes centros consumidores (São Paulo e Rio de Janeiro), associada a fatores políticos e estratégias de desenvolvimento de escala federal, estadual e municipal, permitiu que o VPP se tornasse um dos maiores centros de produção industrial e tecnológica nacional, com a participação de empresas nas áreas aeroespacial, petroquímica, aeronáutica e automobilística. A trajetória da indústria automobilística no município de Taubaté inicia-se com a

implantação das fábricas da Ford em 1975 e da Volkswagen em 1976. A cidade já possuía experiências industriais anteriores no setor têxtil, com destaque para a CTI (Companhia Taubaté Industrial) que funcionou de 1894 a 1983 (VIEIRA, 2009).

A partir da década de 1980, o crescimento da produção das fábricas automobilísticas ampliou a participação do emprego e da renda nesse segmento. A Tabela 1 aponta que, em 2012, o valor adicionado fiscal da indústria representou 72,44% do total do município. Somente o setor automobilístico correspondeu a 44,88% da renda. O emprego industrial correspondeu a 29,83% e o da indústria automobilística 12,93%. Isso significa que o município apresentou uma forte concentração da renda no segmento industrial e, sobretudo automobilístico. Cabe destacar que em 2012, último resultado divulgado pelo DIEESE, a indústria automobilística apresentava ótimo desempenho com a redução de IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

Tabela 1: Valor adicionado fiscal e emprego no município de Taubaté em 2012*

Setores	Valor Adicionado Fiscal**		Empregos Formais	
	(Em mil reais de 2016)***	Percentual	Número de empregos	Percentual
Valor Adicionado Total	9.724.835,41	100,00%	87.410	100,00%
Valor Adicionado Fiscal da Indústria	7.044.433,96	72,44%	26.077	29,83%
Valor Adicionado Fiscal de Montadoras e Autopeças	4.364.929,54	44,88%	11.300	12,93%

Seade (2017)

* Último dado publicado pelo Seade nessa série histórica até 2017.

** O Valor Adicionado Fiscal é obtido, para cada município, através da diferença entre o valor das entradas e saídas de mercadorias e dos serviços. É calculado pela Secretaria da Fazenda e utilizado como um dos critérios para a definição do Índice de Participação dos Municípios no produto da arrecadação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação - ICMS.

*** Os valores monetários foram atualizados pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna – IGP-DI, da Fundação Getúlio Vargas – FGV.

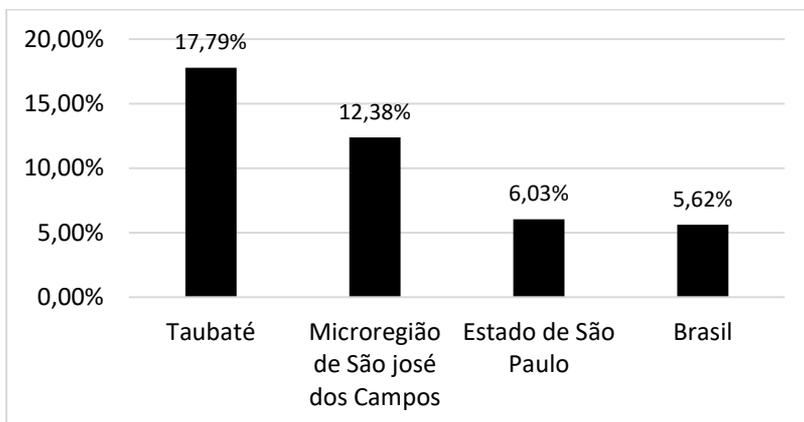
A especialização em um determinado segmento industrial tornou a cidade mais vulnerável em relação às flutuações desse mercado e do próprio setor industrial, bem como mais dependente do fluxo de capital internacional, visto que tratam-se de empresas multinacionais. Municípios como Taubaté estão entre os que mais sofreram os impactos positivos com a redução de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) adotada pelo Governo Federal em 2012

como ação de fomento à atividade industrial e negativos com a retração nas vendas de automóveis a partir de 2014.

Mesmo com o processo de retração da participação da indústria no PIB, o setor automobilístico apresentou bom desempenho com o programa de incentivos fiscais (redução de IPI) tendo como auge a produção 2013, quando foram produzidos 3.712.736 veículos. No entanto, com o fim desse incentivo e o acirramento da retração da renda no Brasil, a produção foi reduzida para 2.156.356 unidades em 2016, retração de 41,92% (ANFAVEA, 2017). Essa redução da produção automobilística teve consequências diretas no mercado de trabalho no município de Taubaté, tanto pela retração direta no emprego industrial, como na queda da renda gerada no município, consequentemente atingindo os demais setores da economia.

A crise da economia brasileira e regional após 2013 pode ser observada no Gráfico 2. No Brasil foram extintos 5,62% postos de trabalho, 6,03% no estado de São Paulo, 12,38% na microrregião de São José dos Campos (Caçapava, Igaratá, Jacareí, Pindamonhangaba, Santa Branca, São José dos Campos, Taubaté e Tremembé) e 17,79% no município de Taubaté. A crise do emprego foi mais intensa nos municípios com atividade industrial significativa, sobretudo em Taubaté, com a maior participação da indústria automobilística na geração de emprego e renda.

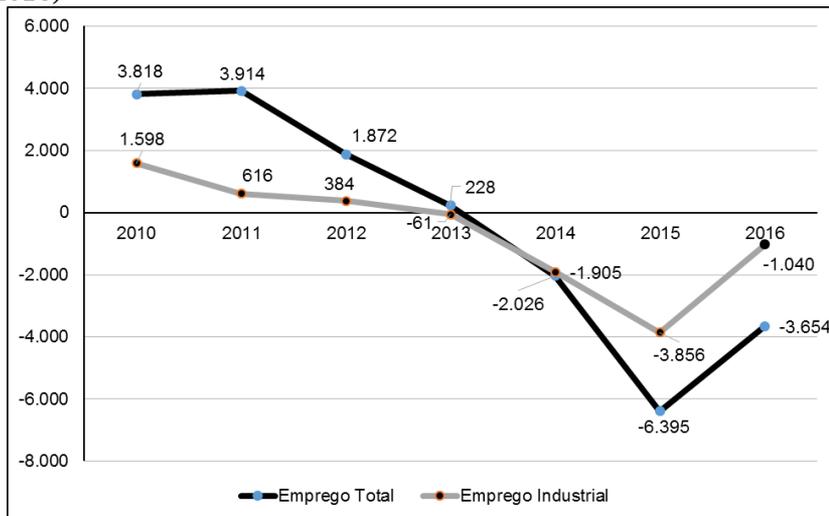
Gráfico 2: Percentual de redução do emprego formal de janeiro de 2013 a janeiro de 2017



Fonte: MTPS/CAGED (2017).

O Gráfico 3 apresenta o desempenho do mercado de trabalho no período de auge da produção automobilística e a retração no período de crise. Destaque para a elevada geração de emprego nos anos de 2010 e 2011 e a acentuada retração do emprego a partir de 2014 com a crise mais acentuada.

Gráfico 3: Variação no emprego formal no município de Taubaté (2010-2016)

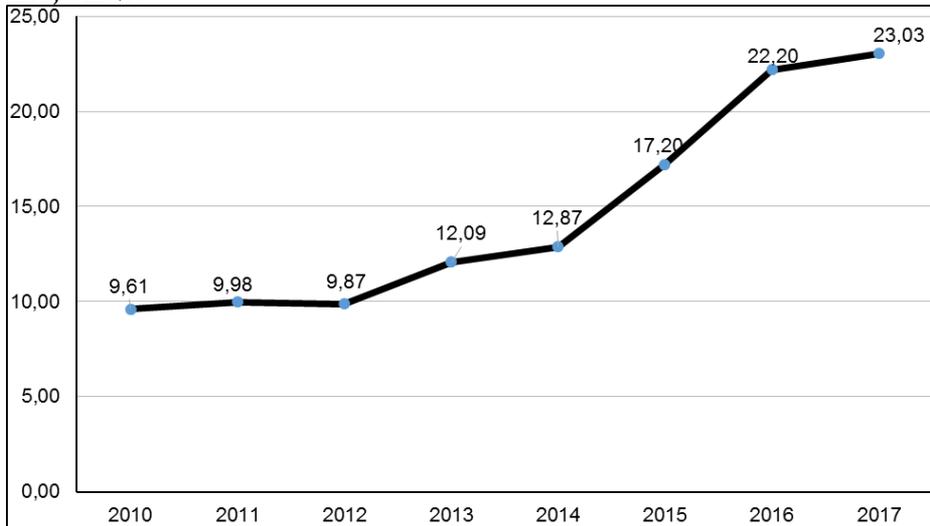


Fonte: MTPS/CAGED (2017)

Resultados semelhantes à variação do emprego formal em Taubaté demonstrada pelo CAGED são apontados pela Pesquisa realizada pelo NUPES – Núcleo de Pesquisa Econômicas e Sociais da Universidade de Taubaté que identificou taxa de desemprego no município de Taubaté alta com a crise econômica (NUPES, 2017).

O Gráfico 4 mostra que a taxa de desemprego manteve-se estável, abaixo de 10% nos três primeiros anos da década de 2010, mas a partir da 2013 a taxa de desemprego passa a aumentar. A taxa de desemprego aumenta de 9,61% em 2010 para 23,03% em 2017.

Gráfico 4: Taxa de desemprego no município de Taubaté, abril de cada ano, em %.



Fonte: NUPES, 2017

A crise estrutural com a desindustrialização e a crise conjuntural, após 2013, que atingiu mais fortemente o setor industrial, sobretudo o automobilístico, resultou na queda do emprego no município de Taubaté e, conseqüentemente, o aumento na taxa de desemprego. A busca por alternativas na geração de emprego e renda é a necessidade constante em todas as localidades, sobretudo em momento de crise. Diante desse quadro, adquirem relevância, em todo o país, as cadeias produtivas ligadas à economia criativa, que podem ser uma alternativa frente à perda dos empregos nos setores mais tradicionais como o da indústria automobilística em Taubaté.

Assim, a busca de alternativas a esse problema deve ser feita em áreas em que haja mais potencial para formação de desenvolvimento das cadeias produtivas de economia criativa. Entende-se como economia criativa o cenário contemporâneo derivado da convergência entre as áreas da cultura da tecnologia e da economia, em diversos segmentos em que a criatividade funciona como matéria-prima na criação de produtos e serviços de alto valor agregado, relacionados com aspectos simbólicos, atuando na geração de emprego e renda.

A economia criativa é uma alternativa ao atual quadro socioeconômico do município de Taubaté, que apresenta um alto índice de desemprego. As artes e a cultura têm inserção em diversas

dimensões da experiência social. No âmbito social, as artes e a cultura operam com a capacidade de socialização ao promover a coesão de grupos, o que facilita trocas de diversas naturezas. No âmbito local, as artes e a cultura operam com a capacidade de estabelecer a sensação de pertencimento ao lugar, (MORIN, 2002).

As cadeias produtivas criativas são formadas por etapas de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como insumos no processo de produção. Essas cadeias estão divididas em três grandes áreas: núcleo criativo, formado por atividades econômicas que têm as ideias como principal insumo na produção e geração de valor, por exemplo, o desenvolvimento de *softwares*; as atividades relacionadas, formadas pelas indústrias que abastecem o núcleo central criativo, por exemplo, serviço de registro de patentes; e, as atividades de apoio, que são as ofertantes de bens e serviços criativos, como patrocínios culturais. Pesquisa da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), realizada em 2012, dividiu em 14 segmentos as atividades criativas: arquitetura e engenharia; artes em geral; artes cênicas; biotecnologia; design; expressões culturais; filme e vídeo; mercado editorial; moda; música; pesquisa e desenvolvimento; publicidade; software, computação e Telecom; e, televisão e rádio.

Nas áreas mais ligadas às atividades culturais, a pesquisa da FIRJAN aponta dados mais modestos em relação àqueles das áreas de produção ligados às engenharias e arquitetura. A ineficiência das políticas culturais no país pode ser uma das razões desse fato. No entanto, a pesquisa foi feita a partir dos dados de emprego formal, e não foram contabilizadas as pequenas empresas, em que os donos são os prestadores de serviços, e as atividades informais. Assim, as atividades culturais podem ter sido subdimensionadas, pois têm menor formalidade.

A economia da cultura pertence ao ramo da economia criativa, e tem como um de seus problemas a grande dependência do setor público, pois, geralmente, não é vista como oportunidade de negócio. Não se propõe a redução da participação do setor público nas atividades culturais, mas sim um plano de negócio institucionalizado em que o papel do Estado seja dinamizar, e não determinar, centralizar, ordenar essas atividades. O plano de negócio da economia criativa como uma atividade contínua possibilita que os artistas criativos tenham condições de viver de sua arte. Ao traçar o plano de negócio, é necessário estabelecer estratégias que possibilitem a manutenção da arte, agregando valor aos produtos e serviços resultantes da criatividade.

A Tabela 2 aponta que no período de 2010 até 2015 o emprego na economia criativa cresceu 11,47%, resultado maior do que o crescimento geral de emprego, que foi 2,47%. Destaca-se a quantidade de empregos criativos para os setores de pesquisa e desenvolvimento, design e arquitetura. Em relação à variação percentual no período de 2010 a 2015, os destaques são as áreas de publicidade, editorial, artes ciências e música. No entanto, a participação do emprego formal da economia criativa, apesar de crescer, mais do que os segmentos tradicionais, representou apenas 1,91% dos empregos formais no município de Taubaté.

Tabela 3: Empregos Formais na Economia Criativa em Taubaté em 2010 e 2015

Segmentos	2010	2015	Varição
Arquitetura	111	137	+23,42
Artes Cênicas	10	19	+90,00
Audiovisual	65	43	-33,85
Biotecnologia	46	72	+56,52
Design	212	142	-33,02
Editorial	41	80	+95,12
Expressões Culturais	45	44	-2,22
Moda	10	10	0,00
Música	16	30	+87,50
Patrimônio e Artes	17	17	0,00
Pesquisa e Desenvolvimento	735	768	+4,49
Publicidade	24	95	+295,83
TIC	72	108	+50,00
Total – Economia Criativa	1.404	1.565	+11,47
Total – Geral de emprego	80.056	82.146	+2,61%
Participação do emprego na Economia Criativa/total de empregos	1,75%	1,91%	-

Fonte: Firjan, 2017

O levantamento feito a partir da pesquisa do NUPES apresenta diferença em relação aos números do mapeamento da economia criativa feito pela Firjan. A primeira diferença diz respeito à participação dos trabalhadores da economia criativa de 12,40% (2017), bem superior ao percentual da Firjan de 1,91% (2015). Essa diferença é consequência de dois fatores principais: o primeiro que os dados do NUPES possibilitam quantificar outras formas de ocupação, além do

trabalho formal, por sua metodologia de coleta de dados fundamentar-se em dados primários obtidos em pesquisa de campo, e a segunda é que são quantificados os empregos na cadeia produtiva como um todo e não apenas no núcleo central criativo.

Os dados do NUPES possibilitaram identificar de 1/3 dos trabalhadores da economia criativa têm outros vínculos de emprego que não o assalariado formal, informação não disponibilizada pela pesquisa da Firjan. Enquadram-se nessa categoria principalmente os trabalhadores do setor de serviços como os ligados à cultura, organização de eventos e produção de artesanato. Cabe destacar que o percentual de assalariados com registro em carteira, no geral, no mesmo período foi de 54,95%. Tal dado permite inferir que a informalidade dos trabalhadores da economia criativa é bem superior à média dos demais segmentos (NUPES, 2017).

Em relação à escolaridade dos trabalhadores da economia criativa no município de Taubaté verificou-se que 20% concluíram ensino superior e 26,27% concluíram um curso técnico, não necessariamente ligado a sua ocupação. Os números da Tabela 3 apontam que a remuneração dos trabalhadores da economia criativa é superior à média geral 14,39%. Enquanto o salário médio dos trabalhadores da economia criativa foi de R\$ 2001,14 centavos, a média geral de todos os segmentos foi de R\$ 1.749,45, (NUPES, 2017).

Tabela 3: Características dos trabalhadores da economia criativa no município de Taubaté em abril de 2017.

Informações Gerais	Percentual
Participação dos trabalhadores da economia criativa no total de emprego	12,40%
Emprego feminino em relação ao total de trabalhadores da economia criativa	50,00%
Trabalhadores assalariados formais em relação ao total de trabalhadores da economia criativa	33,33%
Trabalhadores com ensino superior em relação ao total de trabalhadores na economia criativa	20,00%
Trabalhadores com curso técnico em relação ao total de trabalhadores na economia criativa	26,27%
Remuneração dos Trabalhadores da economia criativa em relação à média geral dos trabalhadores no município.	+14,39%

Fonte: NUPES. Tabela elaborado pelos autores a partir da PORE/NUPES

A Tabela 4 aponta que os segmentos que mais empregam na economia criativa no município de Taubaté são os ligados à cultura (26,27%), seguido pelo de arquitetura e construção (20,00%),

organização de eventos/turismo (16,67%) e pesquisa e desenvolvimento (10,00%). Esse último 49,007% do total de empregos formais na economia criativa, conforme os dados da Firjan (2015).

Tabela 4: Segmentos dos trabalhadores da economia criativa no município de Taubaté em abril de 2017, em percentual.

Profissões e setores	Percentual
Cultura, artes, música e gastronomia (ligada a cultura)	26,67%
Arquitetura e construção	20,00%
Organização de eventos e Turismo	16,67%
Pesquisa e desenvolvimento	13,33%
Produção de Artesanato	10,00%
Publicitário	6,67%
Moda e confecções	3,33%
Fotógrafo	3,33%
Total	100,00%

Fonte: NUPES. Tabela elaborado pelos autores a partir da PORE/NUPES

Os números apresentados pelo mapeamento da economia criativa no município de Taubaté revelam que o setor cresceu em ritmo mais acelerado do que a média dos demais segmentos da economia. As informações coletadas pelos pesquisadores a partir das informações do NUPES demonstram uma participação maior do que a apresentada pelo setor formal e, principalmente, que a cultura tem um maior peso na geração de postos de trabalho. Assim, a Economia Criativa não só é uma alternativa para a geração de emprego e renda, mas também para o desenvolvimento a partir dessas atividades culturais.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi verificar o potencial das atividades ligadas a economia criativa como alternativa na geração de ocupações frente à retração do emprego nos setores produtivos tradicionais, como o da indústria automobilística.

O recuo das atividades industriais no Brasil, especialmente nos municípios cujo desenvolvimento socioeconômico pautou-se na expansão do setor, afeta o emprego e a renda em localidades com expressiva representatividade deste setor produtivo. Taubaté foi um desses municípios, pois apresenta uma trajetória de crescimento econômico, nas últimas décadas, associada à expansão da atividade industrial relacionada ao setor automobilístico e, portanto, com dificuldades econômicas inerentes à crise da indústria.

Nesse contexto, a busca por alternativas de desenvolvimento local constitui estratégia necessária frente ao fenômeno da desindustrialização. Não se propôs, no presente artigo, a substituição do setor industrial em Taubaté por outras atividades econômicas e sim a constituição de uma política pública apta a estimular o aproveitamento dos recursos pertinentes à economia criativa presentes no município. Entende-se que os desafios pertinentes ao aprofundamento das dificuldades econômicas a partir de 2013 e o enfrentamento da desindustrialização dependem da constituição de uma política industrial nacional associada a uma nova política cambial. Contudo, em âmbito local, faz-se necessário a busca de alternativas para a inclusão produtiva apta ao aproveitamento dos fatores associados à economia criativa.

Taubaté apresenta manifestações culturais vinculadas à cultura popular e figuras de destaque em seus respectivos campos de atuação como a literatura, com Monteiro Lobato e Mazzaropi no cinema. A economia criativa inclui diversas áreas com potencial latente no município, desde o turismo até o empreendedorismo cultural. No entanto, a expansão da economia criativa no município depende da estruturação de uma política pública consistente com os recursos disponíveis. O estímulo à economia criativa é uma alternativa de desenvolvimento local condizente com a necessidade de se enfrentar o fenômeno da exclusão produtiva entre os jovens em um município com perfil industrial que recebe o impacto das dificuldades econômicas deste setor.

Urge avançar no conhecimento do setor com o reconhecimento dos empreendedores culturais, suas características e formas de apoio possíveis para a efetivação de políticas públicas para a economia criativa.

A compreensão do potencial da economia criativa para o desenvolvimento de Taubaté, especialmente quanto à inclusão sócioprodutiva, implica a associação entre instrumentos quantitativos e qualitativos para a análise histórica do desenvolvimento econômico local.

Os números apontados pela Firjan subestimam a geração de ocupações nas atividades de economia criativa, assim, justificando a escassez de políticas de desenvolvimento nesses segmentos, sobretudo nas atividades ligadas à cultura, produção de artesanato e turismo, pois são atividades com elevada informalidade. Os dados levantados pelos autores a partir das pesquisas do NUPES indicam que a economia criativa é maior do que as apresentadas pelos dados de emprego formal.

As dificuldades características enfrentadas pela antiga capital mundial do carro, Detroit - EUA, replicam-se em localidades como Taubaté, resguardadas as particularidades locais, com sua economia fortemente depende da cadeia automobilística em um momento de transformação estrutural da indústria e do trabalho e são agravadas em períodos de crise econômica. A econômica criativa é uma forma alternativa para a geração de emprego e renda, que apoiada por políticas públicas pode contribuir para a organização produtiva local em um período de alterações do trabalho e da produção predominantes desde o início do século XX.

Referências

ANFAVEA- Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. **Estatísticas da Anfavea**, <http://www.anfavea.com.br/estatisticas.html>. Acessado outubro de 2017.

DALLABRIDA, Valdir Roque, **Economia, Cultura e Desenvolvimento: Uma primeira aproximação entre as origens teóricas da abordagem do tema**, G&DR • v. 7, n. 2, p. 282-299, mai-ago/2011, Taubaté, SP, Brasil.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Editora Sextante, 2001.

FIESP – Federação da Indústrias do Estado de São Paulo. **Participação da indústria de transformação no PIB: 1947-2014**. <http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/participacao-da-industria-de-transformacao-no-pib-1947-2014>. Publicado em maio de 2015.

FIRJAN - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. **Mapeamento da indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2017.

FLORIDA, Richard. **Flight of the creative class: the new global competition talent**. Best Seller, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro:LTC,1989.

HOWKINS, John. **The creative economy – How people make money from ideias**. London: Penguin Books, 2001.

MATTOSO J. & M. POCHMANN. **Mudanças estruturais e o trabalho no Brasil dos anos 90**. Revista Economia e Sociedade. V. 10. Campinas. Unicamp, jun./1998.

MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes – O desafio do século XXI**. RJ, Bertrand Brasil, 2002

MTPS – Ministério do Trabalho e Previdência Social. **Evolução do emprego no CAGED**. <http://bi.mte.gov.br/eec>, acessado em abril de 2017.

NUPES – Núcleo de Pesquisa Econômica e Sociais da Universidade de Taubaté- **Relatório da Pesquisa de Ocupação, Renda e Escolaridade**. Taubaté. abril/2017.

PAULANI, Leda. **Acumulação sistêmica, poupança externa e rentismo: observações sobre o caso brasileiro**. Estudos Avançados 27 (77), 2013.

PRADO, A. L. M. ; VIEIRA, Edson Trajano . **A desigualdade de renda e a segregação territorial na cidade de Taubaté - SP**. In: 9º Encontro Internacional Humboldt Réquiem para el, 2007, Juiz de Fora -MG. Réquiem para el, 2007.

REIS, A.C.F. **Cidades Criativas, burilando um conceito em formação**. São Paulo, Iara Revista de Moda, Cultura e Arte, abril 2011.v.4 n°1.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri SP: Manole, 2007.

SANTOS, F. R. **Economia Criativa e o Desenvolvimento do Município de Taubaté – SP**. Dissertação de mestrado. Planejamento e Desenvolvimento Regional, UNITAU, 2015.

Seade – Sistema Estadual de Análise de Dados. **Informações dos municípios paulistas**. <http://www.imp.seade.gov.br>. Acessado em setembro de 2017.

UNCTAD. **Creative Economy Report 2013 – Creative Economy: A Feasible Development Option**. UN, 2013.

VERGARA, Camilo J. **Detroit e o fim da era Industrial**. urbanismodiario.blogspot.com.br. Publicado em 17 de março de 2014.

VIEIRA, E.T.; SANTOS F.R.; CARNIELLO, M.F. **Economia criativa e o desenvolvimento no município de Taubaté-sp**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Taubaté, v. 12, n. 2, p 161-184. 2016.

VIEIRA, Edson. Trajano. **Industrialização e Políticas de Desenvolvimento Regional: o Vale do Paraíba paulista na segunda**

metade do século XX. Tese de Doutorado em Historia Econômica. USP, 2009.